

Gestar em um corpo não binário

O multiartista, modelo e artesão Akódomen Otxokayone, 20 anos, é uma pessoa não binária transmasculina e está no quarto mês de gestação. De origem indígena, Akódomen soma em sua identidade diversos elementos que o levam a sofrer inúmeros preconceitos. Aos 10 anos, percebeu-se uma pessoa trans e contou para a mãe. Alguns anos depois, descobriu a não binariedade (não se identifica nem com o gênero feminino nem com o masculino) e percebeu que era como se identificava.

Muito tratado no feminino, principalmente nos espaços de saúde que precisa ocupar atualmente, durante o pré-natal de seu bebê, Akódomen comenta que precisou se acostumar para se proteger. “Nesses atendimentos, eu não sou uma pessoa gestando, sou uma mulher grávida, e ficar corrigindo o tempo todo, explicando, me incomoda, me desgasta muito, então ignoro. Mas gostaria que fosse diferente.”

Antes mesmo do início das consultas, ele passa por um processo de ansiedade, pois a situação sempre é constrangedora. Indo além, há o medo de corrigir as pessoas e sofrer algum tipo de violência. Um dos grandes medos de Akódomen é o momento do parto. “Se mulheres cis já sofrem tanta violência obstétrica, eu fico muito nervoso de sofrer algo e ainda mais alguma coisa que possa afetar o bebê.”

Uma das coisas que ele mais detesta nas consultas é ser chamado de mãezinha. Ele ainda não definiu como vai querer ser chamado pelo bebê. “Ainda é confuso para mim, não sei se serei mãe, ocupando um papel mais voltado socialmente para a identidade feminina, ou pai. Não vejo tantos exemplos de pessoas não binárias gestando e ainda não sei como vai ser o processo para mim”, revela.

A gestação foi planejada e, quando engravidou, Akódomen estava junto com a pessoa com quem gerou a criança, uma mulher trans. Separados no momento, Akódomen comenta que ela quer fazer parte da vida do filho, mas que ele será o cuidador principal.

“Acredito que esse papel principal, lido como maternidade, não tem a ver com ser mulher, homem, pai ou mãe. Mas a pessoa que gera aquela vida dentro do próprio corpo acaba tendo uma ligação mais forte com a criança e ocupa esse papel chamado de mãe”, acrescenta.

Indígena e não binário, Akódomen Otxokayone está no início da gestação

